



RELATÓRIO EXCLUSIVO
CAMPO DIGITAL

SEGUNDO CADERNO

ESPECIAL STARTUPS

O papel das AgTechs
é fundamental
para a inovação
no agronegócio

tele.síntese

APRESENTAÇÃO

O Relatório Exclusivo Tele.Síntese Campo Digital publica o segundo caderno da série especial, que faz um mapeamento do que está sendo realizado no agrobusiness brasileiro para o aumento da produtividade com a utilização de tecnologias digitais inovadoras.

Neste capítulo, uma ampla reportagem traz o perfil das startups que nasceram com foco em tecnologia aplicada ao agronegócio e mostra que o sistema AgTech é, hoje, o grande indutor de iniciativas de inovação no campo. Com o suporte de grandes empresas que apoiam os hubs tecnológicos e da academia, estas pequenas empresas formam um dos ecossistemas mais importantes e reconhecidos internacionalmente pelas iniciativas e talentos.

No caderno anterior, publicamos uma reportagem especial mostrando como a pandemia do Covid-19 acelerou a digitalização no campo e mostramos como a tecnologia evoluiu no agronegócio, nos últimos cinco anos, acelerando a inovação e contribuindo para aumentar a produtividade.

Equipe Tele.Síntese

ESPECIAL COVID-19

4

Pandemia acelera a digitalização no campo

TECNOLOGIA

10

O agronegócio ganha mais inteligência

ESPECIAL STARTUPS

28

Os caminhos da inovação no agronegócio

momento
EDITORIAL

Editora-Executiva
Miriam Aquino

Edição
Fatima Fonseca

Reportagem
Wanise Ferreira

Edição de Arte
Camila Sipahi

Imagens | ilustrações
Freepik

Publicidade
Thais Campos
Agência Markt1

Web e Suporte de Rede
Ricardo Oliveira

Administrativo-Financeiro
Adriana Rodrigues

Distribuição
Camila Carvalho

O Relatório Exclusivo Tele.Síntese Campo Digital é uma publicação da Momento Editorial. O conteúdo pode ser reproduzido livremente, mediante autorização.

Jornalista responsável
Miriam Aquino (DRT 3746-DF)
Rua da Consolação, 222, conj. 311
São Paulo, SP CEP: 01302-000
Tel. +55 11 3124-7444
momento@momentoeditorial.com.br



SEU PRÓXIMO NOVO CHEGOU PRIMEIRO NA CLARO.

A Claro é a primeira operadora a trazer para São Paulo e Rio de Janeiro a tecnologia 5G DSS, que permite conexões até 12 vezes mais rápidas que o 4G convencional. E vem mais por aí.

É a Claro trazendo o novo para você, de novo.



SIGA @CLAROBRASIL



SAIBA MAIS EM CLARO.COM.BR/5G

Você merece o novo.

Os caminhos da inovação no agronegócio

Grandes empresas e startups trabalham juntas para transformar a tecnologia na grande aliada da agropecuária para que o setor consiga aumentar sua produtividade, reduzir resíduos e garantir resultados com aplicações mais inteligentes.

Por Wanise Ferreira

Alimentar uma população mundial estimada hoje em 7,8 bilhões de pessoas não é uma tarefa fácil. E não se trata apenas de produzir mais alimentos, mas fazê-lo de forma mais sustentável, rentável, enfrentando ainda mudanças climáticas globais e limitação de recursos naturais. Esse quadro desafiador coloca a tecnologia em um patamar muito mais alto do que ela esteve até agora, figurando como a grande aliada para que a agropecuária consiga aumentar sua produtividade, reduzir resíduos e garantir resultados com aplicações mais inteligentes.

O Brasil, que nas últimas décadas se tornou uma das três potências agrícolas e o terceiro maior exportador de alimentos, tem um papel estratégico em todo esse ambiente. O país construiu um ativo ecossistema de inovação para manter sua posição competitiva globalmente.

A construção desse ecossistema ganhou escala e investimentos mais pesados nos últimos cinco anos, unindo esforços de universidades, centros de pesquisa, empresas públicas e privadas e, principalmente, as AgTechs, startups que nasceram com foco em tecnologia aplicada ao agronegócio.

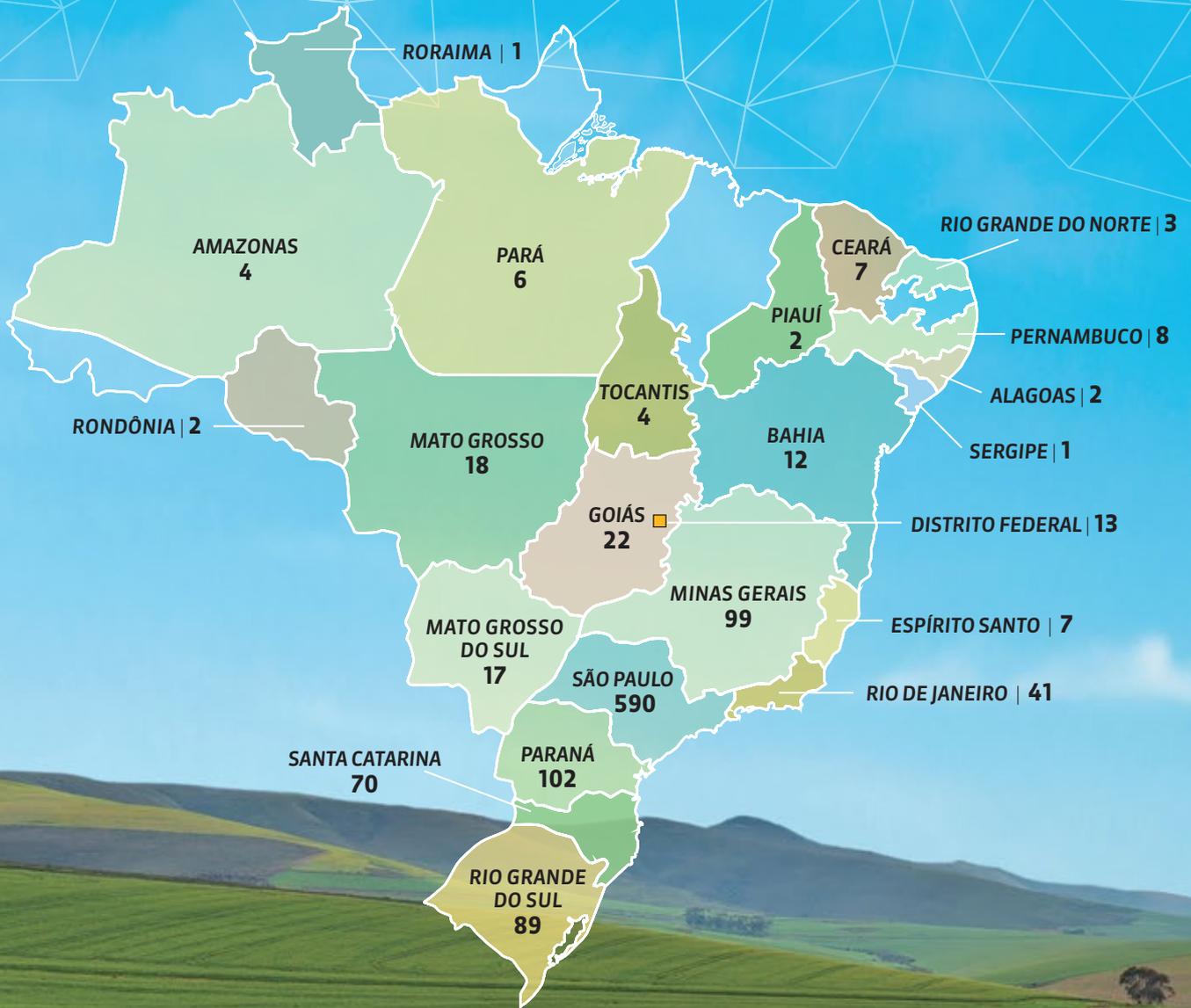
“O sistema AgTech é, hoje, o grande indutor de iniciativas de inovação e está se consolidando em várias regiões do país, com o suporte de grandes empresas, muitas das quais apoiaram e apoiam hubs tecnológicos”, comenta Sergio Barbosa, gerente-executivo da EsalqTec, a incubadora tecnológica da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo).

Na sua avaliação, apesar de o país não responder mundialmente pelo maior número de startups, tem hoje um dos ecossistemas mais importantes e reconhecidos internacionalmente pelas iniciativas e talentos. E com uma força tão grande a ponto de influenciar toda a cadeia produtiva. “Em muitos casos, como da própria Esalq, houve uma pressão de fora para dentro, com as AgTechs impulsionando a adesão a essa quarta revolução da agropecuária”, ressalta.

“Não há melhor locus para se vivenciar a vibração das AgTechs do que os ambientes de inovação do meio agropecuário brasileiro”, observa Cleber Oliveira Soares, ao divulgar o Radar AgTech Brasil 2019, uma das radiografias mais completas e atuais desse mercado, quando ainda ocupava a direção executiva de Inovação e Tecnologia da Embrapa. Atualmente ele responde pela área de Inovação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Perfil das Startups

Radar AgTech Brasil 2019 mapeou 1.125 empresas



Ranking da presença das AgTechs nas cidades

SÃO PAULO 262	BELO HORIZONTE 24	SÃO CARLOS 14
PIRACICABA 41	FLORIANÓPOLIS 21	BRASÍLIA 13
CAMPINAS 38	UBERLÂNDIA 19	VIÇOSA 11
RIBEIRÃO PRETO 37	GOIÂNIA 17	CHAPECÓ 11
CURITIBA 36	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS 17	OUTRAS CIDADES 471
RIO DE JANEIRO 35	LONDRINA 15	
PORTO ALEGRE 29	CAMPO GRANDE 14	

Produzido pela Embrapa, SP Ventures e Homo Ludens Research and Consulting, o Radar AgTech Brasil 2019 confirmou que “a adoção de novas tecnologias e inovações aparece como alternativa importante e viável para o enfrentamento dos desafios futuros e como forma de aproveitamento de oportunidades que venham a surgir no setor”.

A aceleração desse movimento de inovação, de acordo com análise do Radar Agtech 2019, se deu tanto por ser um ambiente de risco altamente ativo dentro do país quanto pelo forte apetite para integração tecnológica dos grandes players do agronegócio. Essa trajetória começou a chamar a atenção de investidores que identificaram como propulsores para a geração de startups no Brasil temas como as características naturais do país, a distribuição de qualidade das instituições de ensino e pesquisa agropecuária e a presença de grandes produtores.

No levantamento realizado pelo Radar AgTech 2019, foram mapeadas 1.125 startups, das quais 196 dedicadas a soluções para o que se denomina “antes da fazenda”, 397 que envolvem processos “dentro da fazenda” e 532 que se situam no “depois da fazenda”, um lugar que também abriga outra categoria de startups conhecidas como FoodTech.

A Raízen entendeu que a inovação aberta seria a melhor aliada para a transformação digital

“Quando se fala em tecnologia no mundo agro, o Brasil se tornou protagonista. Podemos sentir isso quando participamos de feiras internacionais e somos procurados por participantes de outros países que sempre demonstram interesse no que estamos fazendo”, aponta Pedro Noce, gerente de inovação da Raízen e do hub de inovação Pulse. Na sua avaliação, isso dá ao país uma vantagem competitiva importante, já que não se cria um ecossistema com essa qualidade de um dia para o outro.

O Pulse é um dos exemplos da efervescência provocada pelas AgTechs. O hub de inovação foi criado há cerca de três anos pela Raízen a partir do enten-

dimento de que a inovação aberta seria a melhor aliada, tanto no seu próprio processo de transformação digital como para fomentar a troca de novas ideias e soluções para esse mercado.

A própria localização já favorece esse ambiente de colaboração. Ele fica no chamado AgTech Valley, ou Vale do Agronegócio, nomes que se referem à alta densidade de empreendimentos ligados a esse mercado em Piracicaba, no interior de São Paulo. Lá estão outros hubs, como o AgTech Garage, o Avance, da Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo (Coplacana), a Usina de Inovação Monte Alegre, além de grandes produtores na região que investem pesado em tecnologia, como o grupo São Martinho e a própria Raízen.

O Pulse já deu apoio a projetos de 28 startups, muitos deles testados na própria Raízen. “Nós respondemos por cerca de 860 mil hectares plantados e as soluções que validamos ganham escala imediatamente”, observa.

O ambiente favorável à inovação do qual o Pulse faz parte tem atraído parceiros para a Raízen no patrocínio do hub. Além da CNH Industrial, que acompanha o projeto praticamente desde o início, no ano passado foi a vez da Mitsubishi Corporation se comprometer com o hub. A multinacional japonesa já é parceira da Raízen no mercado de etanol.

O estado de São Paulo lidera em número de AgTechs, com 590 startups com a grande maioria, 262, concentradas na Capital. Segundo o Radar AgTech 2019, Piracicaba está em segundo lugar tanto no ranking estadual quanto nacional, com 41 empresas com sede no município. Entre as 10 maiores cidades que abrigam as startups dedicadas ao agro estão ainda Campinas (38), Ribeirão Preto (37). Curitiba (36), Rio de Janeiro (35), Porto Alegre (29), Belo Horizonte (24), Florianópolis (21) e Uberlândia (19).

Os investimentos da SP Ventures no mercado de AgTechs podem explicar um pouco essa distribuição. A SP Ventures é um fundo de investimentos que assumiu, desde 2013, o papel de

Distribuição das AgTechs por categoria

Das 1.125 startups mapeadas, 196 são dedicadas a soluções para o que se denomina “antes da fazenda”, 397 envolvem processos “dentro da fazenda” e 532 se situam no “depois da fazenda”.

ANTES DA FAZENDA

196

Análise laboratorial | 20
Controle biológico | 32
Economia compartilhada | 10
Fertilizantes, inoculantes e nutrientes | 41
Genômica e biotecnologia | 40
Nutrição e saúde animal | 20
Sementes e mudas | 9
Serviços financeiros | 24

DENTRO DA FAZENDA

397

Agropecuária de precisão | 34
Aqüicultura | 7
Conteúdo, educação e rede social | 18
Diagnóstico de imagem | 8
Gestão de resíduos e água | 21
Internet das Coisas | 20
Máquinas e equipamentos | 34
Meteorologia e Irrigação | 21
Monitoramento | 19
Sensoriamento Remoto | 29
Sistema de gestão agropecuária | 122
Telemetria e Automação | 21
Vant | 43

DEPOIS DA FAZENDA

532

Alimentos inovadores e novas tendências alimentares | 246
Armazenamento, infraestrutura e logística | 29
Bioenergia e biodiversidade | 14
Consultoria, aceleração, associação | 26
Fábricas de plantas e novas formas de plantio | 13
Indústria 4.0 | 8
Loja autônoma e gestão de varejo | 24
Mercearia online | 29
Plataforma de negociação e marketplace de vendas | 95
Restaurante online e kit refeição | 24
Segurança alimentar e rastreabilidade | 12
Sistemas de embalagem, meio ambiente e reciclagem | 12

A KPMG identificou cerca de 31 mil startups no país que teriam potencial de engajamento a projetos futuros e em andamento

gestor do Fundo de Inovação Paulista. Antes de assumir o fundo, já investia no estado – de 2009 a 2018 aportou R\$ 71,35 milhões em AgTechs no estado – tendo em seu portfólio empresas como In-Ceres, especializada em agropecuária de precisão, a Horus, de drones, a JetBov e Aegro, ambas com sistema de gestão agropecuária e de fazendas.

Segundo o Radar, mais de 75% dos aportes realizados em AgTechs entre 2017 e 2018 representavam investimentos no estágio inicial das startups. Mas o maior volume do capital (85%) foi investido no estágio avançado, o que sugere um amadurecimento do mercado e a preparação das empresas para rodadas maiores. Inclusive internacionais, como é o caso da Solinfitec.

Os investimentos em AgTechs cresceram entre 2016 e 2018, de acordo com o levantamento. Em 2016, foram investidos US\$ 18 milhões em 15 aportes, no ano seguinte foram US\$ 20 milhões em 14 aportes e, em 2018, os números subiram para US\$ 80 milhões num total de 20 aportes.

Algumas aquisições foram significativas para dar confiança aos investidores de que existem potenciais compradores nessa área. Em 2018 a gigante do agronegócio Syngenta anunciou a compra da startup brasileira Strider, empresa criada em 2013 e que desenvolveu uma plataforma de monitoramento da fazenda.

Salto quântico

Nos anos anteriores, três aquisições chamaram a atenção dos investidores, a Bug Agentes Biológicos pela Koppert, o Laboratório Farroupilha Soluções Biopotentes pela Lallemand, e a Arvus pela Hexagon.

“Estamos prestes a presenciar um novo salto quântico do agronegócio”, acredita Giovana Araú-

jo, sócia-líder de Agronegócio da KPMG. Ela divide a inovação nesse mercado em três pilares: a dos processos biológicos, onde há um grande avanço da parte genética, os processos físicos, onde estão máquinas cada vez mais inteligentes, e o digital, que tem um grande campo de expansão.

“Com a junção desses três pilares temos um processo cada vez mais dinâmico e um papel relevante do ecossistema para gerar a comunicação de toda a cadeia produtiva”, afirma.

A KPMG tem convivido com as AgTechs como parte de sua proposta de fomentar a inovação, solucionar problemas reais e complexos de grandes companhias e antecipar tendências. Essa proposta tomou forma com o lançamento da plataforma Leap, em parceria com a Distrito, configurada como um ecossistema de startups com soluções inteligentes e disruptivas. Estão no foco da empresa temas como o uso de Inteligência Artificial, blockchain, Big Data, entre outros que possam oferecer soluções não tradicionais para vários problemas.

Nesse processo, a KPMG identificou cerca de 31 mil startups no país que teriam potencial de engajamento a projetos futuros e em andamento. A consultoria evita restringir as empresas mapeadas a apenas um setor da economia já que muitas soluções podem ser aproveitadas em vários deles. “Uma inovação revolucionária de e-commerce desenvolvida para um hospital pode solucionar problemas semelhantes no agro”, ressalta Giovana.

Para a executiva, o agronegócio pode se beneficiar muito de soluções que integrem, por exemplo, o back e o front office das grandes fazendas. “Tem um espaço grande para digitalização desses processos que, ao operarem de forma integrada, vão permitir geração de insights, criando valor a partir disso”, observa.

Na sua avaliação, a adesão dos grandes atores desse mercado à inovação aberta foi um peso importante para a onda tecnológica que está em andamento. Ela lembra ainda que entre as mudanças pelas quais o setor está passando, há um novo consumidor muito mais exigente em relação à alimen-



AGROtic 2020

10 a 14 de agosto

Patrocínio



Co-realização

APLA



Realização



A Embrapa criou um ambiente para empresas e startups testarem sensores, equipamentos, softwares, dados e modelos

tação e à transparência e controle dos processos. “A tecnologia vai ser favorável para o atendimento dessas exigências e vai permitir que o agronegócio possa ter o controle da narrativa”, enfatiza.

Para a maior parte das startups, o valor do seu negócio está relacionado à qualidade e quantidade de dados que podem ser analisados a partir de suas plataformas. Muitas dessas informações elas vão obter de seus clientes, no dia a dia da operação, mas para o estabelecimento de parâmetros agrônômicos que embasem suas projeções elas têm uma fonte qualificada e aberta a parcerias: a Embrapa.

“Quando começou o boom de empresas de tecnologia focadas no agro, a Embrapa foi procurada por um grande número de startups interessadas nas informações que dispomos”, lembra Silvia Massruhá, chefe geral da Embrapa Informática. Essa procura acabou resultando na criação, em 2017, do SitloT, um ambiente baseado no modelo de inovação aberta voltado para testes de tecnologias, como sensores, equipamentos, softwares, dados e modelos.

A primeira empresa a participar do SitloT foi a Agrosmart, startup de cultivo inteligente que monitora fazendas em tempo real. A parceria previa que a AgTech instalasse sensores na cultura

do cafeeiro, no campo experimental da Embrapa Meio Ambiente, localizada em Jaguariúna (SP).

Esse caso serve para ilustrar a importância da pesquisa realizada pela Embrapa para as startups. Nesse campo experimental estava instalado o primeiro experimento da América Latina, FACE (Free Air CO2 Enrichment) – um trabalho de pesquisa de quatro anos da Embrapa Meio Ambiente – que avalia em condições de campo o efeito das mudanças nos níveis atmosféricos de CO2 sobre a cultura do café. Toda a instrumentação do projeto é baseada em redes de sensores sem fio.

Na avaliação de Silvia, a abertura da Embrapa para parcerias é um processo que beneficia todas as partes. A startup ajuda a levar produtos e informação para o mercado de uma forma ágil e a Embrapa retroalimenta suas pesquisas e consegue avançar mais rapidamente em algumas áreas.

A Agrosmart fechou uma parceria com a Embrapa para o desenvolvimento de um modelo automático de diagnóstico, previsão e monitoramento de propagação de doenças agrícolas. Formada por filhos e netos de produtores rurais que conhecem bem “as dores do campo”, a empresa tem obtido sucesso no mercado com sua plataforma inteligente e recebeu vários aportes de investidores. Em 2019 chamou a atenção ao ser contemplada com investimentos série A de R\$ 22 milhões do Inovabra, fundo do Bradesco e do braço de venture capital da Positivo.

A Embrapa avaliou que para contribuir para um ecossistema de inovação deveria ir além e fechou uma parceria com a Venture Hub. Assim, lançou o



programa de aceleração Tech Star Agro Digital. A proposta é de contribuir para a escalada tecnológica de novas soluções com apoio às AgTechs nos processos de testes e validação do produto, avaliação do posicionamento de mercado, formas de operação e projeções financeiras.

Foram selecionadas oito áreas de atuação das startups interessadas em participar: gestão de risco agrícola, identificação e detecção de pragas e doenças; cadeia hortifruti; automação e robotização no campo; biotech; manejo e monitoramento; pecuária de precisão; e nutrição e sanidade animal. “Tivemos 94 startups inscritas e depois de um processo de seleção de três fases escolhemos 11 com as quais vamos trabalhar por seis meses para melhorar o modelo de negócios das empresas”, informa Silvia.

A pesquisa e desenvolvimento em TIC também pode ser uma grande aliada das startups do agronegócios. Esse é o caso, por exemplo, das parcerias estabelecidas pelo CPqD e que preveem o acesso às plataformas digitais desenvolvidas pelo centro de pesquisa. “Essas plataformas ajudam a acelerar os processos e reduzem o risco e o esforço das nossas parceiras”, comenta Fabrício Lira Figueiredo, gerente de Desenvolvimento de Negócios em Agronegócios da empresa.

Entre essas plataformas digitais está a que utiliza a Inteligência Artificial, esta dedicada ao agronegócio, e a de blockchain, que está sendo preparada para também atender às especificidades desse mercado. “Estamos muito próximos das startups em seus processos de aceleração e, para isso, a inovação aberta é fundamental”, reforça o executivo.

O CPqD também procura desenvolver com as startups modelos de financiamento que possam ajudá-las no período pós-lançamento de seus produtos. “O funding é um passo muito importante e existem várias fórmulas para a construção desses arranjos financeiros. Nós procuramos trabalhar junto à Embrapii, que pode financiar projetos com contrapartida de metas para as startups, e trazemos ainda parceiros complementares que podem se interessar”, enfatiza.

Simplicidade no modelo de negócios

A tecnologia também está influenciando as formas de financiamento na agropecuária, na opinião de José Augusto Tomé, diretor da AgTech Garage. “Ela permite monitorar e mitigar os riscos da operação, o que deve atrair cada vez mais investidores privados para essa área”, comenta.

A Agtech Garage é considerada o maior hub de inovação da América Latina, com mais de 380 startups conectadas, mais de 300 conexões mapeadas semestralmente, mais de 30 parceiros corporativos e com uma comunidade científica que reúne acima de 1000 pessoas entre executivos, mentores, produtores rurais, universidades, agências internacionais e outros perfis relacionados ao agro.

Para que esses investimentos se viabilizem, Tomé acredita no surgimento de diversos modelos de negócios. “Um dos nossos papéis é oferecer arquiteturas mais simplificadas para esses modelos, assim podemos atender a todos os atores desse mercado”, destaca. Esse movimento ganha um componente importante, a tendência de produtores também investirem nas startups, o que, para o executivo, favorece ainda mais a cultura do empreendedorismo.

Na sua opinião, as novas oportunidades para as AgTechs passam pela robotização do campo, com um novo perfil de mão de obra nas fazendas. “Entra em cena uma força produtiva mais jovem, mais digitalizada”, observa. A integração de todas as informações disponíveis em uma lavoura deve se acentuar e, na sua avaliação, com os dados consolidados, os modelos de negócios tendem a se multiplicar.

A baixa qualidade de informação climática nas áreas rurais é um desafio a ser superado

Com o surgimento de hubs de inovação torneuse possível compartilhar conhecimento, estabelecer conexões empresariais e incentivar o empreendedorismo que se espalhou pelo país. Alguns exemplos são o SRP Valley, em Londrina, e a atuação próxima a um hub exercida pela PUC, no Rio Grande do Sul.

A inovação tornou-se um dos pontos-chave para a economia do Mato Grosso, considerado o celeiro do país por ser campeão na produção de soja, milho, algodão e do rebanho bovino. De 1999 a 2012, o estado registrou uma arrancada de 554% no crescimento de seu PIB, passando de R\$ 12,3 bilhões para R\$ 80,8 bilhões com o campo representando cerca de 52% desse resultado.

Foi para entender e criar soluções para esse mercado que o Sistema Famato decidiu apostar na criação da Conexão Agrihub que procura entender a tecnologia do ponto de vista do produtor rural e falar com esses agentes de uma forma descomplicada e que diga exatamente como poderão ser beneficiados com a inovação.

O Sistema Famato é formado pela Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Mato Grosso, o Senar Mato Grosso, o IMEA (Instituto Matogrossense de Economia Agropecuária) e uma rede que contempla 92 sindicatos rurais.

O Agrihub foi criado em 2016 e, segundo Fábio Silva, consultor e responsável pelo desenvolvimento de parcerias, está hoje em sua terceira fase. A primeira foi justamente identificar os problemas encontrados nas fazendas em todo o estado que poderiam ser resolvidos com a tecnologia. "Nossa proposta não é fazer investimentos e desenvolver tecnologia. Sempre nos posicionamos sob a óptica do produtor rural", afirma.

Esse discurso não é só teórico e o Agrihub levou a sério o trabalho de mapear as "dores" dos produtores rurais matogrossenses. Foram identificados 111 pontos, dos quais oito foram eleitos para serem tratados prioritariamente. Todo esse levantamento foi publicado em um livro que, de alguma forma, se transformou em um mapa de oportunidades para empreendedores no estado.

Entre os principais entraves está a baixa qualidade de informação climática nas áreas rurais. "As previsões atendem melhor as cidades, o campo não conta com estações meteorológicas suficientes para fornecer dados adequados que possam ser incorporados aos modelos climáticos", informa o executivo.

Na lista dos problemas encontrados estão ainda o novo perfil da mão de obra, o compartilhamento de informações, a subjetividade na classificação de grãos – hoje o processo é todo manual e pode causar erros sérios, só em 2018 houve prejuízos de R\$ 3 bilhões apenas no Mato Grosso –, a baixa automação na coleta de dados nas lavouras, pouca precisão no manejo de pragas, ervas daninhas e doenças e até a falta de segurança física nas fazendas figuram no mapa.

De posse desses dados, o Agrihub colocou mãos à obra e deu início a um processo de evangelização tanto dos produtores rurais quanto dos empreendedores sobre as oportunidades nessas áreas. Há um cuidado com a linguagem utilizada uma vez que problemas de comunicação muitas vezes não permitem que algumas soluções sejam implantadas pelo fato de não serem entendidas como importantes para o agricultor.

Com a ajuda dos sindicatos rurais, o Agrihub foi em busca de áreas para testes e validação dos produtos. Foram mapeadas mais de 50 fazendas, com áreas mínimas de 10 hectares e que chegou a abranger algumas localidades com 100 hectares, cujos gestores tivessem um perfil mais propenso a aceitar inovações e riscos inerentes a essas atividades. Nasceu então a Rede de Fazendas Alfa que reúne um total de 35 mil hectares e com produtores que se revezam nos papéis de clientes, mentores, validadores da tecnologia e em alguns casos até como investidores. "Eles são fontes de insights, trazem novos problemas, e ajudam as startups a terem uma conexão direta com o mercado", salienta Silva.

Na terceira fase do Agrihub, a FAMATO se juntou à LM Ventures para criar o Agrihub Space, um espaço físico com um programa de aceleração com duração de nove meses. Contou com a adesão de vários parceiros, como o grupo Amaggi, a Bayer, a Agro Amazônia, a TMG e a própria Rede de Fazendas Alpha. O Agrihub lançou ainda a plataforma Agrihub Play, onde procura traduzir de forma simples e técnica as avaliações disponíveis no mercado, discutir temas de interesse e promover debates.

Esse é um mercado com uma série de oportunidades para as startups. Hoje, os pecuaristas trabalham em cima de estimativas, sem muita precisão dos dados e os métodos existentes são muito onerosos e não conseguem quantificar informações importantes, como o pasto disponível para alimentação do animal, ou os melhores momentos para reprodução ou abate”, esclarece.

Reposicionamento

A Wayra, do grupo Telefónica, chegou ao Brasil em 2012 com o perfil de uma aceleradora agnóstica em termos de setores, procurando sempre ter um olhar mais amplo de oportunidades de negócios das startups nos campos mais variados. Nesse período, acelerou 78 empresas que receberam R\$ 15 milhões de investimentos.

Em 2018 houve um reposicionamento importante do grupo Telefónica. Ela deixou de ser uma aceleradora e se tornou um hub de inovação aberta, podendo investir em startups maiores e trabalhando em conjunto com outras agências. Mais do que aumentar o investimento, que passou a ser em média de R\$ 1 milhão, ela também passou a ser reconhecida como a porta de entrada de empresas inovadoras ao grupo Telefónica. No Brasil, isso a colocou mais próxima da estratégia de investimentos da Vivo.

“Com esse reposicionamento, procuramos olhar mais para as oportunidades que permitissem a Vivo se fortalecer em sua estratégia de mercado, ficamos mais atentos às demandas como uma corporate venture”, explica Carolina Morandini, head de portfólio e scouting da Wayra Brasil.

O agronegócio disputava – e ainda disputa – com vários mercados a atenção das equipes da Wayra. Agora ganhou um novo espaço, mais privilegiado, já que a conectividade no campo está entre os pontos centrais da estratégia da operadora que entrou como uma das propulsoras do projeto Agro IoT Lab, lançado em 2018 pela Vivo, Raízen e Ericsson, ao lado da Pulse e EsalqTec.

Carolina enxerga um grande potencial no mercado de AgTechs, principalmente à medida em que aumente a conectividade no campo. Ela cita como exemplos investimentos em startups de drones, uma vez que os sistemas de visão computacional buscam aperfeiçoamento. Também dá como exemplo o necessário avanço dos sistemas de gestão integrados, que permitem mais competitividade ao produtor a partir de insights em tempo real.

Em seu portfólio, a Wayra conta com duas startups com foco no agronegócio. A primeira, que não está necessariamente ligada à atual estratégia, é a BovControl. A AgTech desenvolveu um sistema de monitoramento do rebanho batizado de Internet das Vacas, uma ferramenta que utiliza uma rede de sensores para a coleta e análise dos dados a fim de melhorar a performance na produção de carne, leite ou de genética.

A segunda startup em seu portfólio está diretamente ligada à estratégia da Vivo. Trata-se da loTag, empresa especializada na gestão de dados de máquinas agrícolas, da sua fabricação até a operação no campo. Ela utiliza a rede IoT para suprir problemas de falta de conectividade e se baseia em um dispositivo de telemetria embarcado nas máquinas para fazer a interface entre as



redes de comunicação de dados da cabine, motor e de outros sistemas com a rede sem fio e aparelhos celulares. “Nós estamos constantemente mapeando as soluções inovadoras desse mercado e apresentando para a Vivo. Isso não significa que vamos investir nessa empresa, mas procuramos contribuir com a identificação de oportunidades para a operadora”, ressalta.

Momento de Consolidação

Kleber Alencar, diretor executivo da Accenture, tem uma visão mais pragmática sobre as AgTechs: está se aproximando o momento das consolidações. Isso não é um fenômeno do mercado brasileiro, ele enxerga essa movimentação se iniciando em todo o mundo e deve ganhar tração nos próximos anos.

“Liderados pela Embrapa, tivemos um salto enorme na questão genética. Depois tivemos a onda da automatização e mecanização, com um grande volume de máquinas e equipamentos com tecnologia embarcada chegando ao campo. Agora estamos vivendo o auge da gestão dessa informação que foi capturada por esses dispositivos e para isso utilizamos recursos como Inteligência Artificial e Big Data. Esse foi um salto muito significativo”, comenta.

Esse salto, na sua avaliação, se deve principalmente ao barateamento da tecnologia, à computação em nuvem e o surgimento de computadores com maior capacidade de processamento. Esse foi o cenário que possibilitou, em todo o mundo, o surgimento de um enorme contingente de startups.

Mas isso tem um limite, seja de mercado ou de recursos. Para ele, há muita informação chegando a quem compra, o produtor, que nem sempre assimila na mesma velocidade o que está sendo oferecido. Essa questão de comunicação não é necessariamente o que vai levar o mercado à consolidação, há outras.

Alencar considera, por exemplo, que há uma limitação no atendimento exclusivo a determinadas lavouras, o que inibe a escala. “Muitas empre-

sas se especializaram, por exemplo, em oferecer soluções para o segmento de cana-de-açúcar, ou de soja, ou outro qualquer. As ofertas são múltiplas para mercados que não vão expandir suas compras de tecnologia na mesma proporção”, diz.

Ele usa os sistemas de irrigação inteligentes, e seu grande número de competidores, como outro exemplo. “O sistema de irrigação em si não vai mudar, o que mudam são os parâmetros climáticos, de solo, de umidade, que vão fazer o equipamento funcionar”, ressalta.

O executivo considera que sobreviverão as empresas que conseguirem adaptar produtos dedicados a uma cultura ou geografia para outras lavouras ou áreas. “Se você é um investidor, vai escolher os que estão ganhando escala tanto de culturas quanto geográfica do que aqueles que são demasiadamente segmentados”, alerta.

Alencar aposta que a onda de consolidação não está tão distante e prevê inicialmente empresas pequenas se juntando para ampliar seus mercados dentro da cadeia agropecuária. “Teremos fusões, aquisições e empresas que vão morrer”, prevê.

Esse é um processo natural, destaca. Para ele, há poucos mercados com um grande volume de negócios e crescimento ocorrendo de forma tão segmentada que não se comportem dessa maneira. “Vemos um pouco disso nas fintechs, mesmo assim também nessa área há sinais de consolidação no futuro”, analisa.

Se pode parecer um pouco mais drástico, esse processo não é necessariamente ruim na opinião de Alencar. Para ele, a inovação será fortalecida com empresas de maior porte e mais capacidade de investimento. “Não podemos esquecer que a disponibilidade do dinheiro não é infinita e acho que em um ou dois anos teremos uma revisão da locação do capital de empresas que pode causar uma retração dos investimentos em inovação”, finaliza.

O Relatório Exclusivo Tele.Síntese Campo Digital
é patrocinado pelas empresas



Venha fazer parte desse time.
Coloque sua empresa em campo!

comercial@momentoeditorial.com.br